

Resenha

ZILLES, Ana Maria Stahl e FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015. 320p. ISBN 978-85-7934-100-7.

Resenhado por Shirley Eliany Rocha Mattos¹

Se, para o senso comum, a variação linguística sinaliza o perigo de uma sucessiva e inevitável mudança cujo significado é a degradação da língua, sua inserção no conteúdo pedagógico da educação básica não poderia provocar outra reação que não a de ser veementemente combatida.

Os discursos condenatórios teimam em propor o saber sociolinguístico como uma prerrogativa restrita ao âmbito universitário, que legitima a diversidade linguística como expressão da realidade. No entanto, a obra em foco constitui um exemplo justamente da viabilidade de um trabalho conjunto entre universidade e escola visando ao desenvolvimento de uma pedagogia da variação linguística como etapa fundamental à construção de uma cultura escolar preparada para o combate à discriminação e ao preconceito linguístico.

Profissionais do ensino na educação básica e da pesquisa acadêmica, predominantemente do sul do país, compõem a obra em foco. Trata-se de uma coletânea organizada por Ana Maria S. Zilles, da Unisinos, em Porto Alegre, e por Carlos Alberto Faraco, da Universidade Federal do Paraná, professores e pesquisadores experientes citados em praticamente todos os artigos da coletânea. A compilação converge para o tema da urgência de uma educação escolar que conceba a variação linguística como uma via de acesso ao diversificado conjunto das práticas socioculturais nos espaços públicos.

Não se trata de um manual, o conjunto de textos abrange pesquisas, propostas e práticas de ensino sobre variação linguística na educação básica (ensino fundamental e

¹ Docente do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG – CCSEH – Anápolis). Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB).

ensino médio) na modalidade escolar e em ambientes sociolinguisticamente complexos.

A antologia, composta por 10 capítulos, é parte da coleção *Educação Linguística* da Parábola Editorial. Os artigos distribuem-se em quatro conjuntos temáticos, com tópicos que abrangem, no bloco 1, a variação e as práticas escolares; no bloco 2, a variação e suas implicações pedagógicas; no bloco 3, a variação linguística no domínio público; e no bloco 4, os olhares acadêmicos sobre variação linguística e preconceito.

No **primeiro bloco** temático, são indicadas as condições de possibilidade de uma pedagogia da variação linguística. No primeiro artigo, Faraco, pesquisador e autor de livros didáticos para o ensino médio e para o ensino superior, reflete sobre a construção e o ensino de uma norma culta nacional que leve em conta a história e a complexa realidade sociolinguística do português brasileiro (PB). Suas propostas apontam para um efetivo debate nacional em torno dos temas da discriminação linguística e da violência simbólica, uma crítica sistemática de nosso "pântano normativo" (p. 28) e a construção de guias normativos nossos, parâmetros autênticos para quem escreve, quem ensina e quem aprende.

Os outros dois artigos em sequência contêm relatos de experiência. No capítulo 2, Lucia Cyranka apresenta um conjunto de pesquisas em sala de aula com três turmas de ensino fundamental, uma de escola pública (falantes rurbanos²) e duas de escolas particulares (falantes urbanos) de Juiz de Fora (MG) na perspectiva da sociolinguística educacional³. Os resultados exitosos, em cada caso, se deveram ao apoio de uma pedagogia baseada na cultura dos próprios alunos.

No capítulo 3, a professora Débora Galarza relata como transformou uma sala de aula de escola da rede municipal de Porto Alegre (RS), com alunos de classes populares, em um ambiente de intensa circulação de material escrito e de objetos ligados à escrita e uma prática pedagógica baseada no reconhecimento dos nexos de sentido entre os assuntos da escola e os da vida.

No **segundo bloco** temático, são inicialmente apresentadas duas pesquisas que tratam de fenômenos de variação do PB, como concordância verbal, concordância nominal e uma análise sobre a articulação de orações com a palavra *onde*. Na primeira delas, Silvana Agostinho e Izete Coelho, de Santa Catarina, apresentam análise sobre CV com primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* em textos escritos por alunos dos anos finais do ensino fundamental, cujos resultados levam ao debate, indispensável e inadiável, sobre

² Variedade intermediária entre a fala rural e a urbana (Bortoni-Ricardo).

³ Perspectiva educacional que considera a realidade linguística dos usuários de uma língua, levando em conta além dos fatores internos à língua (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) também os fatores de ordem externa à língua (sexo, etnia, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, escolaridade, história, cultura, entre outros.). Disponível em: <<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/707-iootaibuicois-ia-soiolioguistiia-iiuiaiiioal-paaa-o-paoiisso-iosioo-i-apaioizagim-ia-lioguagim>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

variação linguística em sala de aula e na formação continuada dos professores.

Na segunda delas, duas professoras da UFRGS, Luciene Simões e Simone Soares, tratam da variação na concordância nominal de número na fala de crianças pré-escolares pertencentes a grupos sociais distintos, com a conclusão de que a expressão ou não da morfologia de plural na fala infantil está estreitamente relacionada às oportunidades, maiores ou menores, de circulação em ambientes de cultura letrada, sendo papel da escola levar em consideração essas diferenças de condições.

O terceiro capítulo traz Ana Zilles e Dorotea Kersch tratando dos aspectos de descrição, prescrição e ensino da palavra *onde* a partir das duas perspectivas: uma histórica, que resgata as origens da palavra *onde* em 4 advérbios latinos (*ubi, quo, unde, quā*), peculiaridade que justificaria sua multifuncionalidade persistente na língua portuguesa, e uma perspectiva semântica cognitiva, que indica o *onde* como locativos espacial, temporal, abstrato e relativo. No que concerne a uma pedagogia da variação, as autoras sugerem alguns caminhos como pesquisar a história da língua, estudar tanto a escrita quanto a fala, examinar minuciosamente o que dizem e o que praticam os livros didáticos acerca de seus usos, analisar os usos a partir de gêneros textuais e discutir a avaliação negativa onde quer que ela ocorra.

No **terceiro bloco** temático, temos dois artigos, um de Marcos Bagno, sobre a profusão terminológica e a confusão conceitual em livros didáticos (LD) e nas provas do ENEM, e um de Cesar González, sobre variação linguística nos livros de língua portuguesa para o ensino médio. Bagno cita uma indefinição terminológica nos livros didáticos, com termos como *norma culta, uso culto, variedade formal, língua oficial* e outras, uma abundância que só amplia as confusões conceituais, toma o padrão como uma variedade da língua e identifica língua padrão a língua culta. Além dos livros didáticos, esses problemas se reproduzem também nas provas do ENEM e no tratamento dado pela imprensa às questões da variação linguística. A proposta de Bagno é pela coerência teórica entre os elaboradores de avaliação de aprendizagem oficiais a fim de evitar a "distorção ideológica" (p. 224) conservadora.

O artigo de González analisa os LD aprovados no PNLD⁴/2009 e conclui que, no que concerne à variação linguística, os dois livros mais adotados no país foram os mais conservadores: restringirem o tema da variação aos níveis lexical, diatópico e diacrônico; desconsideram a mediação da variação na construção de sentidos e na expressão de identidades sociais e fazem equivaler a norma culta às prescrições tradicionais. Os dois livros menos adotados, por sua vez, são justamente aqueles com mais capítulos relacionados ao tema, 6 capítulos em cada um, com uma abordagem da variação que

⁴ PNLD: Programa Nacional do Livro Didático.

compreende os níveis fonético-fonológico, morfossintático e lexical nas dimensões geográfica, social, etária, de gênero e de estilo, e distinção entre norma culta e norma padrão. Para Gonzáles, é premente a continuação do debate sobre o LD no ensino e na formação continuada de professores.

No **quarto e último bloco**, dois artigos tematizam a variação linguística na perspectiva da atuação dos professores de línguas em múltiplos contextos sociolinguísticos e culturais. No de Afrânio Barbosa, professor da UFRJ, desenvolve-se a ideia da necessidade, nas graduações de Letras, da operacionalização de conceitos variacionistas, isto é, de saber articular teoria e prática, saber lidar com dados em variação, tanto nos usos de fala cotidiana quanto nas diferentes tradições de escrita. Propõe então que as publicações acerca de práticas de ensino elaboradas por autores linguistas estejam sempre disponíveis, a fim de que as práticas da docência e da pesquisa dialoguem produtivamente.

A professora Marilda Cavalcanti, da Unicamp, no último artigo do livro, também articulando pesquisa e docência, teoria e prática, chama a atenção para a indissociabilidade entre língua e cultura e propõe uma prática pedagógica que integre pressupostos e conceitos das áreas da linguística aplicada, da sociolinguística e da educação. Defende uma "pedagogia da variação inserida em uma pedagogia culturalmente sensível" (p. 302), em favor da intercompreensão; e que o professor contemporâneo assuma a responsabilidade social de desconstruir as barreiras linguísticas dentro do próprio país.

Uma extensa lista com as 250 referências bibliográficas citadas ao longo da coletânea e uma seção com informações profissionais dos 13 autores encerram o livro. No que concerne ao projeto gráfico e ao material de suporte da leitura, a obra é atraente. Alunos e profissionais das áreas de Letras e Pedagogia, em especial, se beneficiarão das sugestões apresentadas; os leitores em geral, entre outros assuntos, se beneficiarão da discussão crítica sobre atitudes e valores subjacentes à violência simbólica e ao preconceito de base linguística. Vale a pena supor que outras iniciativas desse tipo estejam a caminho, contemplando novas pesquisas, experiências e práticas.